

# ENTREVISTAS

SÉRIE PIBIC - ARTES

## VERA BEATRIZ SIQUEIRA É PROFESSORA ASSOCIADA DO INSTITUTO DE ARTES DA UERJ, PESQUISADORA

do CNPq, esteve na coordenação da Área de Artes da CAPES (2013-2016, 2017-2020), coordenou o Programa de Pós-graduação em Artes e o curso de Bacharelado em História da Arte da UERJ e é membro do Comitê PIBIC da UERJ. Suas pesquisas em História da Arte privilegiam as relações entre arte e processos de institucionalização, com ênfase em arte moderna e contemporânea, especialmente no Brasil. O DCARH convidou a professora Vera Beatriz para saber um pouco mais sobre suas pesquisas no campo da história da arte sob uma perspectiva crítica, especialmente sobre a história da arte moderna no Brasil e o processo de releitura do "legado" da Semana de Arte de Moderna de 1922.

**Professora Vera, o que explica o surgimento da arte moderna no final do século XIX, na Europa?** Prefiro não pensar em causas da arte moderna, porque acredito que o seu surgimento integre um amplo processo social de afirmação de uma cultura e de um pensamento modernos. Pensando em termos mais específicos da arte no período, até o século XIX o que víamos era a prevalência do sistema acadêmico, das belas-arts. Nele, o artista aprendia na Academia e expunha nos Salões, onde os críticos julgavam seus trabalhos a partir do mesmo modelo acadêmico que os artistas usavam em suas produções. A partir do final dos oitocentos, o que passamos a ver foi a crise desse sistema. Em movimentos como o Romantismo ou o Realismo, os artistas se recusavam a usar os modelos acadêmicos (fundamentados no Neoclassicismo) e passavam a produzir para o



"A nossa arte moderna é tão nossa quanto possível" (Foto: PPGHA UERJ)

mercado. Mas o público e os críticos não tinham mais nenhum modelo no qual se apoiar na fruição desses trabalhos, o que gerou uma série de dificuldades para os artistas e as instituições, tais como as críticas ferinas às obras modernas expostas nos Salões (como no caso das telas de Manet que foram muito criticadas), ou mesmo situações de artistas como Van Gogh ou Gauguin que venderam nada ou quase nada em vida.



Como fazer uma história da arte moderna no Brasil? Que obras, artistas e problemas discutir? Como fugir das vertentes mais tradicionais de visão sobre o modernismo brasileiro? Essas são as perguntas centrais da pesquisadora Vera Beatriz. Na imagem, releitura de "Operários" de Tarsila do Amaral, onde a artista Lais Da Lama apresenta mulheres negras usando máscaras, releitura de obra que refletem o olhar da periferia (foto: Museu Catavento).

**Em suas pesquisas a senhora aborda a possibilidade de se formular uma história da arte moderna no Brasil. Quais os principais “problemas” dos marcos cronológicos tradicionais da história da arte moderna brasileira?** Frequentemente se entende que o modernismo no Brasil começou com a fatídica Semana de Arte Moderna de 1922. Esse senso comum foi construído pelos próprios literatos associados à Semana que, entretanto, foi um evento restrito às elites paulistas, com pouca ou nenhuma repercussão popular. Com o tempo, e o auxílio de muitos críticos e historiadores da arte e da literatura, essa origem foi se fortalecendo até se converter em marco mítico de nosso modernismo. A partir dele se formulou uma história do movimento moderno no Brasil em etapas sucessivas que prendeu ainda mais

as possibilidades interpretativas: os anos 20 teriam sido de ruptura, os anos 30 de consolidação e os anos 40 de acomodação. Ou seja: o equívoco inicial se desdobrou dando origem a outros marcos temporais equivocados, que desprezaram tudo o que estava sendo produzido em diferentes partes do país, desde o século XIX.

**Como desconstruir “um marco fundador” tão sedimentado, como a Semana de Arte de Moderna de 1922 e por que isso seria importante?** É claro que hoje não é possível falar de modernidade no Brasil sem mencionar a Semana de Arte Moderna. Desconstruir esse marco originário mítico, entretanto, é essencial. Não por implicância geográfica, tampouco para afirmar outros marcos, mas sim porque na construção e afirmação dessa origem, deixamos de levar em consideração uma série de artistas,

obras e movimentos que experimentavam a modernidade de forma diferente. Recusar a Semana significa recusar também a ideia de vanguarda ou ruptura como a direção necessária da arte moderna, especialmente importante num país em que a modernização foi tão irregular e teve ritmos tão distintos. O que traz também a vantagem de podermos olhar para a arte do Brasil sem as lentes e os preconceitos da arte moderna europeia que, frequentemente, levam à conclusão de que fazemos uma arte derivada, o que não é verdade. A nossa arte moderna é tão nossa quanto possível, e tão moderna quanto possível, dentro dos limites, ambiguidades e incongruências de nosso país. Não somos menos modernos que ninguém. Somos “outros” modernos.

Editor Responsável: *Ciro Reis* / Edição de Conteúdo e Supervisão de Texto: *Ciro Reis, Ana Paula Marques, Patrícia Moraes, Neuzimere Abreu, Andrea Costa Leite* / Programação Visual: *Ciro Reis* / Digitação: *Ciro Reis* / Tratamento de Imagem: *Ciro Reis* / Idealização e Criação do Projeto: *Ciro Reis*